



A Receita de Santo Agostinho

Ana Cristina Vargas

É raro, no meio espírita, comentar-se sobre autoconhecimento sem fazer referência ao pensamento de Santo Agostinho, exposto na questão 919 de *O Livro dos Espíritos*. Nela o tema foi tratado diretamente em preciosos quatro parágrafos, encerrando uma receita.

O conhecimento espírita desperta um anseio pelo progresso que nos faz pedir que nos apontem caminhos. O Codificador pediu aos espíritos superiores a fórmula da melhoria pessoal, e não pediu para as próximas encarnações, pediu para esta vida e ousou mais: tinha que ser prática e eficaz.

Respondeu-lhe o Espírito Santo Agostinho, dizendo: “Um sábio da Antiguidade vos disse: Conhece-te a ti mesmo.”

Referia-se a Sócrates e apontou a necessidade de focarmos os interesses na busca por e em nós mesmos. Ouve-se muito: “Conheço fulano como a palma da minha mão, ele não me engana.” Ou seja, conheço o outro, conheço para fora, mas quando perguntam “Quem é você?”, dizemos um nome que nem ao menos foi de nossa livre escolha e completamos informando profissão, estado civil e endereço. Pronto, qualquer um nos encontra, o que não significa um encontro pessoal.

O Codificador retruca reconhecendo a sabedoria da resposta, mas alegando dificuldades para se atingir o conhecimento interior e insiste no pedido de uma receita. Disse Jesus: “Pedi e obtereis.” Ele obteve a fórmula e a legou àqueles que em si descobrem esse anseio.

Ensinou o interrogado: “Fazei o que eu fazia de minha vida sobre a Terra: ao fim da jornada, eu interrogava minha consciência, passava em revista o que fizera, e me perguntava se não faltara algum dever, se ninguém tinha nada a lamentar de mim.”

Estava dada a receita da espiritualidade prática e eficaz para melhorar já nesta vida: conhecer a si mesmo examinando a consciência.

Mas como se faz um exame de consciência? Será que basta lembrar os acontecimentos do dia e verificar como nos comportamos, se fomos gentis, cordiais, caridosos, se cumprimos nossos deveres profissionais, familiares, se fizemos prece etc.? Talvez temeroso de que caíssemos nesta simplificação, ele especificou que o modo de fazer é realizar um interrogatório preciso e diário a si mesmo sob o amparo de Deus e do anjo guardião. Ele sugeriu que colocássemos para nossa reflexão ao menos cinco questões, a saber:

1) “Perguntai-vos o que fizeste e com qual objetivo agistes em tal circunstância”.

A primeira parte da questão é tranquila, basta recordar as atitudes do dia. A segunda aprofunda-se pedindo para identificarmos os objetivos de nossas ações, os interesses e propósitos que as motivaram, os quais podem estar escondidos muito fundo, num canto sombrio do nosso ser, e ainda se apresentarem mascarados.

2) “Se fizeste alguma coisa que censurais em outrem”.

A nossa capacidade de olhar para fora é bem desenvolvida, então vamos aproveitar e conhecer o que estamos projetando. É sempre fácil apontar erros, condenar e exigir dos outros esquecendo que só conseguimos reconhecer aquilo que também possuímos. Esse é um procedimento importante da receita que se repetirá.

3) “Se fizeste alguma coisa que não ousaríeis confessar”.

Um questionamento ético em relação à minha conduta com o próximo e também pessoal, na medida em que devemos

responder se tudo o que pensei, senti e fiz pode ficar exposto à luz? Ou falta coragem para assumir opiniões, atitudes, vontades, o “eu” e as motivações reais e profundas das minhas ações, que somente eu e Deus podemos saber quais são.

4) “Se aprovesse a Deus me chamar neste momento (em que estou lendo esta página), reentrando no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto, eu teria o que temer diante de alguém?”.

Queremos distância da morte. Não é agradável pensar nela ou falar sobre ela. Aceitá-la não é fácil, trabalhar as perdas é um processo doloroso e delicado. Imagine pensar na própria morte, diariamente. Frente a cada decisão, refletir como ficaria a situação se morrêssemos naquele momento. Brigamos com um filho, ou com o marido, ou com um amigo, ficamos magoados, com raiva e morremos num ataque fulminante do coração. Que situação! Essa questão nos põe em xeque com um mundo onde as máscaras não enganam senão quem as usa. Se pensarmos sob esse enfoque, mudaremos muitas atitudes.

5) “Examinai o que podeis ter feito contra Deus, contra vosso próximo, e enfim, contra vós mesmos”.

Discutimos muito as nossas relações amorosas, profissionais e familiares, mais ou menos nessa ordem de prioridade. Mas a relação com Deus vai entre tapas e beijos e não paramos para discuti-la. Começa que Dele nem sempre fazemos um juízo claro, a nossa resposta pessoal é em geral vaga ou politicamente correta. Confundimos repetição mecânica de palavras com falar com Ele. Nós o bendizemos quando a vida corre como desejamos, mas é sobre Ele que lançamos nossas incompreensões e ingratidões quando as coisas não são como queríamos. Por fim, Ele é o cangaceiro das nossas vinganças, cada vez que vencidos pela ira desejamos o mal ao próximo e não o realizamos com as próprias mãos. Mas, ironicamente, embora O contratemos para nossas desforras, ainda O tememos. E uma relação complicada: nós a vivemos com uma grande dose de irreflexão misturada ao medo, à ira, à ingratidão. Temos um comportamento mimado e não apto ao diálogo.

Desta tríade, a relação com o outro é a

mais debatida, só que em geral sob a ótica de vítima: “O que eles fizeram comigo”. O convite é para largarmos essa postura e assumirmos nossas responsabilidades.

A relação conosco é outra e apenas em circunstâncias limites começamos a discutir. Falamos muito sobre reencarnação, obsessão, lei de amor, depressão, sentimentos mal resolvidos, doenças, mas pouco nos perguntamos: “Por que sou e estou assim?” Como lido com as alegrias e as tristezas?”, “Cuido bem de mim, como corpo e alma?”

O autor da receita mostra conhecimento e compreensão da alma humana antecipando-se ao propor: “Mas, direis, como se julgar? Não se tem a ilusão do amor próprio que ameniza as faltas e as desculpas?”.

Ilusões e justificativas podem comprometer o resultado e para evitar que algo saia errado na execução da receita, ele deixou também os segredinhos. Para evitar auto-enganos, façamos o seguinte:

1) “Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, perguntai-vos como a qualificáreis se fosse feita por outra pessoa; se a censurais em outrem, ela não pode ser mais legítima em vós, porque Deus não tem duas medidas para a justiça.”

2) “Não negligencieis a opinião dos vossos inimigos, porque estes não têm nenhum interesse em dissimular a verdade e, freqüentemente, Deus os coloca ao vosso lado como um espelho para vos advertir com mais franqueza que o faria um amigo.” É o verdadeiro “te enxerga”. É uma proposta valiosa para reformularmos comportamento sobre críticas e inimizades, vendo nelas auxiliares divinos para nosso crescimento. Assim, esvazia-se a raiva e a indignação. A humildade é o caminho que acaba com a falsa superioridade que nos faz preferir ignorar as críticas e inimizades a aprender com elas.

3) “Aquele que tem vontade séria de se melhorar explore, pois, sua consciência, a fim de arrancar dela as más tendências.”

O produto da fórmula é uma visão clara de quem somos e do que precisamos reformar.

A promessa final é excelente, nada menos que uma felicidade eterna. Vale a pena conferir.

O Voo Mais Alto

Luis Sérgio, psicografia de Irene Pacheco Machado

Uma Casa Espírita bem orientada é um hospital de Deus, onde doentes recebem a cura e são despertados para a grandeza divina. Ela elucidada o espírito quanto à maneira certa de viver, já que temos que nos tornar bons para melhor servirmos.

Assistindo àquela aula teórica da Doutrina percebi a indiferença de alguns encarnados que, julgando-se donos da verdade, vão ficando distanciados da razão. A vaidade não deixa que assimilem a grandeza do aprendizado espírita, sendo esta a causa de tantas mediunidades doentes. O encarregado que não procura estudar a mediunidade com Jesus irá sempre exigir dos seus companheiros, encarnados ou espirituais, além do que podem.

Apreciando os dorminhocos, pude notar que ao contrário do que alguns pensam, não estão doando, e sim dormindo mesmo, nada fazendo, nada aprendendo, só praticando um ato de indisciplina, às vezes até roncando enquanto alguém tenta elucidar...

... A humanidade é conquistada através

da Reforma Íntima e do exercício da Caridade. Se a Espiritualidade indica um irmão como orientador, ele tem obrigação de distribuir amor, confiança e paz. De nada adiantam ares de superioridade. Muitas vezes, aquele que à frente do trabalho se encontra é um espírito dos mais devedores, sendo justamente essa a causa de ter sido escolhido.

- O que mais depõe contra um dirigente? A resposta foi: indisciplina. O dirigente que falta aos seus trabalhos, esquecido está de exemplificar. Deve evitar, também, a idolatria, ou querer colocar-se acima dos outros, como o dono da verdade. O bom dirigente de grupo faz de cada companheiro um ombro amigo amparando os seus, e jamais deve ter a pretensão de desejar carregar sozinho a cruz que pertence a todos. Vemos dirigentes levando a dúvida a médiuns iniciantes, criando dogmas dentro da Doutrina, rituais e amuletos – só que encobertos com outros nomes. O consciencioso dirigente de grupo estuda junto com seus irmãos, transmitindo tranquilidade e confiança a cada um e dando a todos tarefas bem orientadas.

A influência moral dos médiuns

José Queid Tufaile Huaixan

“Reconhece-se o verdadeiro espírito pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações”, afirmou Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, elegendo a reforma moral como a bandeira dos seus seguidores. Isso fez com que a Doutrina Espírita se convertesse numa verdadeira oficina de aperfeiçoamento moral dos seres humanos.

A prática da mediunidade tem sido grandemente prejudicada pela pouca importância dada ao fator moral, muitas vezes deixado em segundo plano por médiuns e dirigentes espíritas. Sabemos que a mediunidade em si é uma faculdade orgânica, que depende de uma organização física mais ou menos apropriada para a produção de fenômenos. Seu uso, no entanto, pode ser bom ou mau, conforme as condições morais do seu portador. Kardec afirmou que a mediunidade é coisa sagrada, que deve ser praticada religiosamente. Portanto, a boa prática da mediunidade

envolve aspectos muito mais graves do que supõe a maioria dos que dela se servem.

Normalmente se diz que a mediunidade é um outro sentido do ser humano e que no homem do Terceiro Milênio, ela será tão natural quanto os sentidos físicos. Isso levou muitos a acreditarem que ao se dedicar ao desenvolvimento das faculdades mediúnicas, estariam no caminho da evolução, do serviço no Bem, quando na verdade poderiam estar mergulhando em graves problemas psicológicos e emocionais, se não forem observados os critérios de segurança.

Examinando certos aspectos de O Livro dos Espíritos, tem-se uma visão um pouco diferenciada da definição habitual que se dá à mediunidade, esta sensibilidade comum a todos os seres animados. Vê-se com clareza, que ela é um mecanismo que impulsiona a experiência evolutiva dos que habitam a matéria, e que pode, em certos casos, ser usada como uma ponte entre os dois planos da Vida, constituindo-se, então, na

mediunidade segundo Kardec.

O Espiritismo é a revivescência dos ensinamentos e práticas da doutrina de Jesus, o Cristo. E, sendo assim, não poderá ter sentido prático se não estiver orientado pelo compromisso de auto-renovação, comum à vida dos seus reais seguidores. Santo Agostinho nos aconselha, em O Livro dos Espíritos, que o conhecimento de si mesmo é a chave do melhoramento individual. Diz que, aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar, explore sua consciência a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas do seu jardim. Muito antes dele, a expressão “conhece-te a ti mesmo”, que estava gravada no pórtico do templo de Apolo, tornou-se a divisa de Sócrates. Fez do auto-conhecimento a condição primordial para compreensão de todos os outros conhecimentos verdadeiros.

É muito comum os médiuns receberem advertências da Espiritualidade sobre aquilo que eles vem fazendo de suas faculdades. Porém, movidos pela cegueira do orgulho, nem sempre eles dão importância às palavras dos Espíritos. O Livro dos Médiuns nos apresenta um alerta quanto a isso e diz que mesmo que a mensagem se destine a outras pessoas, os médiuns têm o dever de verificar se ela não lhe serve também como forma de orientação. Este simples procedimento evitaria muitos transtornos a que estão sujeitos os que militam nesta espinhosa seara. A auto-avaliação constante é precioso instrumento de que se servem aqueles que tratam com a mediunidade de forma despreziosa e desinteressada. Quando os Espíritos superiores foram questionados sobre o fato, disseram: “Aquele que vê claramente e tropeça é mais censurável que o cego que cai na valeta.”

E ainda sobre o mesmo tema, Allan Kardec instrui em O Evangelho Segundo o Espiritismo: “Os médiuns que obtêm boas comunicações são ainda mais repreensíveis por persistirem no mal, pois escrevem freqüentemente a sua própria condenação e, se não estivessem

CALENDÁRIO DE REUNIÕES, EVENTOS E ATIVIDADES DO MÊS

Reuniões Públicas:

Terças	tarde	13:00	Passes, Desobsessão
Quintas	tarde	14:00	Escola de Médiuns e Estudo da Doutrina
Quintas	noite	19:00	Passes, Desobsessão
Sextas	noite	19:00	Escola de Médiuns e Estudo da Doutrina
Sábados	tarde	15:00	Estudo da Doutrina

blog: <http://escolamariadenazare.blogspot.com.br/>

Reuniões Privadas:

Segundas	noite	19:00	Desobsessão
Terças	noite	19:00	Corrente para os Viciados
Quartas	noite	19:30	Saúde

cegos pelo orgulho, reconheceriam que os Espíritos se dirigem a eles mesmos”. E mais: “O primeiro pensamento de todo espírito sincero deve ser o de procurar, nos conselhos dados pelos Espíritos, alguma coisa que lhe diga respeito”.

Observemos, pois, com humildade, os conselhos dados pelos Espíritos, quando no exercício desta faculdade, o que nos torna mais vigilantes e certamente menos expostos à ação dos maus.

Allan Kardec nos ensina que não basta ser um bom médium para estar livre das más influências. O médium dotado de boas qualidades também pode transmitir respostas falsas. Isto pode ser permitido pelos bons Espíritos a título de aprendizado e para que se mantenham vigilantes, além de testar os medianeiros que superioridade dos Espíritos que a eles se ligam porque se vangloriam de certos nomes que eles lhes impõem. (...) Se insistimos longamente sobre este ponto foi porque nos demonstrou a experiência, em muitas ocasiões, que isto constitui uma das grandes pedras de tropeço para a pureza e a sinceridade das comunicações dos médiuns”.

O papel da Doutrina Espírita é a regeneração da humanidade. Os ensinamentos dos Espíritos superiores só chegarão até nós através de médiuns seguros e conscientes de sua tarefa como intermediários desse processo.

O exercício da mediunidade requer grande dose de desprendimento, humildade e sinceridade de propósitos.

O médium, desprovido desses sentimentos e não valorizando o esforço em melhorar-se, estará distante do verdadeiro objetivo deste dom de Deus, que é servir com alegria aos objetivos do Criador.
